



# ATOS DA DESCOLONIZAÇÃO: UM ENSAIO DISCURSIVO POR UMA TEORIA A PARTIR DA FRONTEIRA

## ACTS OF DESCOLONIZATION: A DISCURSIVE ESSAY FOR A THEORY FROM THE BORDERLAND

João Paulo F. Tinoco 1

**Resumo:** Este ensaio tem a proposta de discutir a escrit(ur)a de si, sob a pluma da autohistoria, como transcendência da diferença colonial a partir das escrituras de Gloria E. Anzaldúa na obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012). Para isso, minhas reflexões se apoiam sobre a *Análise do Discurso foucaultiana* (ALMEIDA, 2019; GUERRA, 2017); o pensamento descolonial (ANZALDÚA, 2012; MIGNOLO; WALSH, 2018); e o *Local Geoistórico* (NOLASCO, 2013). Sob o fio discursivo da fronteira, a autohistoria põe em prática uma teorização descolonial ao mesmo tempo que a escrit(ur)a está sendo construída. Esse gesto de autorreflexão desenha um espaço crítico onde a mulher Chicana/indígena se depara com sua incompletude, desejando transformações. É um agir que cativa o leitor-autor, convidando-o a reconceitualizar conceitos migrados para as fronteiras através de uma crítica fronteriza.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Mulher Chicana. Autohistoria. Teorização Fronteriza.

**Abstract:** This essay has the objective to discuss the writing of the self, under the autohistoria perspective, as a way to transcend the colonial difference based on the write-experiences of Gloria E. Anzaldúa in *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012). For this, my reflections are based on the *foucaultian Discourse Analysis* (ALMEIDA, 2019; GUERRA, 2017); *decolonial thinking* (ANZALDÚA, 2012; MIGNOLO; WALSH, 2018); and the *Geoistory Local* (NOLASCO, 2013). Under the umbrella of the discursive border, autohistoria puts into practice a decolonial theorization at the same time that the writing of the self is being built. This gesture of self-reflection draws a critical space where the Chicana/indigenous woman is faced with her incompleteness, desiring transformations. It is an act that captivates the reader-author, inviting her/him to reconceptualize concepts migrated to the borders through a borderline criticism.

**Keywords:** Discourse Analysis. Chicana/indigenous Woman. Autohistoria. Fronteriza Theorization.

## Introduzindo a reflexão

A colonialidade é, primeiramente, um conceito que inicia com os primeiros colonizadores que chegaram no Sul da América, no final da Guerra Fria. Ela veio para fomentar as consequências globais da invenção da América a partir duma ordem do mundo planetário. A modernidade é só a metade da história. A outra parte é a colonialidade. Ambas erigem as práticas descoloniais.

A colonialidade é um conceito que desvela o rastro lógico da civilização Ocidental, a sua formação e expansão planetária desde o século XVI. Em segundo lugar, há uma distinção entre colonialidade e descolonização (ou se preferir descolonialidade). A colonialidade, como eu já disse, está atrelada à lógica comum sob a pensamento ocidental colonial que chamo também de poder hegemônico.

A descolonização, por sua vez, é a fronteira entre a colonialidade e descolonização, porém, o seu viés sócio-histórico é analítico e crítico em relação à colonização. A descolonização analítica é ao mesmo tempo a história da produção de práticas, transformação, controle e resistência. O viés analítico é uma parte da descolonização, a outra é a práxis, o agir que orienta e direciona para a (r) existência (MIGNOLO; WALSH, 2018).

Esse construção do agir, pensamento em ação, - não existe reflexão sem apreender a prática - que aqui escrevo está sob a pluma da escrit(ur)a<sup>1</sup> de Gloria E. Anzaldúa (2012), especificamente a obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza*, que gerou em mim um desejo espiritual que advém da minha incompletude quanto às práticas dicotômicas que estão inscritas e materializadas nas vozes que me antecedem. Espiritual no sentido de desejar mudanças, completudes e (trans) formações dos saberes que são produzidos no e pelo centro. Ressalto que mesmo que a completude seja uma condição ilusória, ela é também necessária para as produções de saberes.

Anzaldúa foi uma autora feminista de cor, ativista, lésbica e professora. Indígena e Chicana, Anzaldúa vivencia o entre-lugar-*fronterizo* do México e dos Estados Unidos da América (EUA). Sua escrit(ur)a risca a folha como navalha, deixando o papel vermelho e preto. Suas mãos como penas de ganso são povoadas de ausências que buscam na escrit(ur)a uma relação com o outro e consigo mesma, dando espaço para uma pulsão, um desejo de transbordamento de fragmentos de identidades em que a mulher Chicana/indígena se inscreve, nomeando-a de a *Mestiza*.

A *mestiza* é a construção do sujeito mulher Chicana/indígena que não se sente mais confortável no silêncio. Ela fala o que está pensando; sobre seus sentimentos; seus sonhos e planos; seus desejos sexuais; suas lutas e conquistas; seu desejo pelo poder sem hierarquias. A *mestiza* é feminista e valoriza o seu passado e presente; perdoa suas falhas e tem a coragem de continuar. Ela sangra. Sangra para encontrar o seu trauma colonial e, dessa maneira, o desconstrói para que a *herida* seja cicatrizada. A *mestiza* está num lugar bélico, onde o poder colonial cria estratégias para silenciar o seu povo fronteiriço, o povo da margem (ANZALDÚA, 2012).

De acordo com Walter Mignolo (2008), a opção

Descolonial significa pensar a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna *vis-à-vis* à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade. (MIGNOLO, 2008, p. 304).

Essa *episteme* subalterna que extrapola a fronteira tem por interesse demarcar o lugar de onde o crítico constrói o seu pensamento e a diferença colonial que estão atrelados às suas sensibilidades biográficas (MIGNOLO, 2012).

Essas sensibilidades biográficas constroem o lócus epistemológico e geoistórico fronteiriço. É necessário, de acordo com Nolasco (2013), que a crítica dessa paisagem fronteiriça se predisponha a pensar a partir das marcas fronteiriças, a partir das sensibilidades locais e biográficas dos sujeitos e das produções do lugar, a partir das memórias, dos discursos e dos saberes, das língua(gen)s<sup>2</sup>, a partir das histórias locais que foram silenciadas pela a colonização do poder (NOLASCO, 2013).

1 Uso escrit(ur)a porque tomo a escrita como escritura, um documento legal e lavrado; como um palimpsesto de vivências que sobrepõem outras vivências e biografias.

2 Vale a pena notar que não há garantia da existência da linguagem fora da língua, uma vez que a linguagem é uma condição de produzir a língua.

Argumento que Anzaldúa não escreve só para mulheres, apesar que seu objetivo principal é comunicar com elas, sobretudo com as Chicanas/indígenas. Por outro lado, há na letra da Chicana um convite aos sujeitos que habitam a fronteira, como eu que sou gay, vivenciando a exclusão pelas práticas heteronormativas. Longe de mim fazer algum tipo de representatividade da autora. Escrevo *a partir de* Anzaldúa, *a partir de suas escrevivências*.

Essa prática de escrever *a partir de*, conduz-me também ao povoado de (minhas) ausências. Escrevo ao in(e)screver-me, (des)construindo novas maneiras de pensar a partir dos relatos de Anzaldúa. Uma teorização que se constrói escrevendo, buscando os fios teóricos necessários que dialogam com a produção deste ensaio.

A partir dessas primeiras palavras, já é possível enunciar o objetivo deste ensaio, qual seja, refletir sobre a reconstrução epistêmica pensada a partir da fronteira. Para isso, analiso a obra, *Borderlands* (2012), da Chicana/indígena Gloria E. Anzaldúa que constrói uma teoria-prática *fronteriza*, rechaçando por meio duma ontologia heterogenia o poder hegemônico/colonial.

Desse modo, iço os seus saberes ao mesmo tempo que os meus se entrelaçam nesse processo de análise-escrit(ur)a, como se fosse um testemunho em que a vítima torna-se a testemunha e esta torna-se a vítima. Testemunho no sentido de compartilhar experiências e vivências, bem como a possibilidade de se vê nelas. Vítima no sentido de (d)enunciar vicissitudes a partir do Local Geoistórico (NOLASCO, 2013).

Dito isso, é importante que eu explicito algumas noções que irão nortear este trabalho. São noções como o discurso e sujeito para a Análise do Discurso (AD), o Local Geoistórico (NOLASCO, 2013), a *autohistoria* (ANZALDÚA, 2015) e a *episteme fronteriza* (ANZALDÚA, 2012). Vale ressaltar que este ensaio está atravessado pela visada descolonial (ANZALDÚA 2012; COLCHADO, 2020).

## A escrit(ur)a como travessia teórica

Para pensar acerca das condições descoloniais nas quais se representam pelas produções críticas dos estudos do Sul (SANTOS, 2010; MIGNOLO, 2012; NOLASCO, 2013), creio ser importante explicitar como compreendo o discurso e sujeito. Sob a perspectiva da AD transdisciplinar, encontro em Michel Foucault (2014) o estudo do discurso para apreender a construção do sujeito e da complexidade de fatores descontínuos na história que lhes são constitutivos.

Em *Arqueologia do Saber* (2014), Foucault expõe um estudo arquivístico de escavação dos discursos, formulando conceitos e procedimentos metodológicos que ajudam-me, como analista do discurso, entender a produção da subjetividade e do sujeito. Essas produções são geradas na relação da língua(gem) com a história, pois esta determina as possibilidades de realização daquela.

O discurso é a relação entre A e B. É a possibilidade da produção de efeitos significativos que emergem no espaço conflituoso daquilo que é similar e diferente ao mesmo tempo. O discurso é exterior à língua(gem), mas é dependente da língua(gem) para sua existência material, ora nos textos, ora nas imagens, sob determinações histórica-sociais. O sujeito e o Local Geoistórico desvelam em qual situação social o sujeito está atravessado, suas escolhas lexicais e imagéticas são rastreadas pelo analista do discurso, levando-me a entender mais sobre esse sujeito.

O Local Geoistórico é uma termo usado por Edgar César Nolasco (2013) como o lugar que arraiga histórias locais e que me ajuda a exumar memórias veladas; arquivos que recolhem memórias que estão à espera de ser postas à vista. Esses arquivos são os conjuntos de discursos (enunciados) nos quais o sujeito está submerso. Nele os enunciados estão capsulados, esperando ansiosamente para ser (re)utilizados. O sujeito age e pensa pelo discurso, este dita e autoriza os enunciados necessários e possíveis (FOUCAULT, 2014).

Por exemplo, a obra *Borderlands* (2012) pode ser vista como um conjunto regular de fatos linguísticos que estão atravessados por polêmicas e estratégias, ou seja, há uma relação de poder que perpassa o sujeito-escritor, sendo o sujeito um efeito de subjetividade. O sujeito tem a ilusão de que as palavras são suas e que elas buscam somente uma verdade. Sabe-se que a língua(gem) não é transparente. Há um véu *ideológico* que de tão familiar não consegue notá-lo.

O discurso, portanto, é o que estabelece aquilo que deve ser dito e qual momento deve ser dito, uma vez que o Local Geoistórico (NOLASCO, 2013) do sujeito legitima as vozes que emergem

a partir desse lugar específico. Isso desvela a heterogeneidade do sujeito, em outras palavras, o sujeito enuncia vozes que o antecedem, vozes distantes, pré-construídas, capturadas ao longo de sua vivência e experiência. Essas vozes são reatualizadas, aflorando outros efeitos de sentido.

Demonstro esse efeito de sentido com a palavra *Chicano*. Este mesmo termo é passível de desvelar outros polos, *ocultos* pela escolha de um termo entre outros, que os anula. O vocábulo *Chicano* no início do seu uso fazia referência ao povo mexicano-norte-americano/indígena como pessoas sem cultura, de classe inferior. Já na obra *Borderlands* (2012), Anzaldúa apresenta o mesmo termo com um sentido outro, qual seja, uma posição política que reivindica justiça e igualdade para o povo Chicano/indígena.

Além disso, o termo *Chicana* alcança outros efeitos de sentido a partir do que Anzaldúa (2012) propõe, referenciando-a à mulher mexicana-norte-americana/indígena da fronteira, dos entre-fronteiras, dos entre-lugares, dos entre-línguas-culturas. Portanto, os efeitos de sentido emergem ao levar em consideração o lugar de onde o sujeito enuncia produzidos num dado momento e não outro. Nesse afã, faço a seguinte pergunta: Como a obra *Borderlands* (2012) apareceu e não outra em seu lugar?

Houve uma emergência de erguer a voz Chicana/indígena. Cansada de sempre ouvir falarem dela e por ela, Anzaldúa (2012) escreve um ensaio que narra as suas histórias e a história do seu povo Chicano, construindo sob a letra uma teoria da fronteira. Esta é sorvida debaixo do sol colhendo milhos na terra que foi, é e será sempre indígena. Uma teoria que foi pensada fora dos grandes centros a fim de rechaçar as reflexões que excluem os povos que habitam a margem. O modo como Anzaldúa (2012) opta para enfrentar os pensamentos colonizantes é através da sua escrit(ur)a.

A escrit(ur)a de Anzaldúa (2012) em algum momento corta o leitor, mas em sua própria escrit(ur)a ela fornece as linhas para a sutura. A sua revolta na escrit(ur)a da obra *Borderlands* (2012) aparece como um efeito catártico, para curar suas feridas psíquicas. Não só as feridas de Anzaldúa (2012), mas também os cortes de quem tem a sua obra em mãos.

Esse alcance do outro na escrit(ur)a da Chicana é possível pelas ocorrências que os sujeitos se encontram por meio das histórias que estão na obra. É como se o leitor estivesse desarquivando memórias individuais e coletivas, tornando-se leitor-autor. A memória surge como um palimpsesto, sempre retornando ao palimpsesto – memórias de prévias (des)memórias que deixam entrever que na escrit(ur)a de Anzaldúa (2012) há dizeres que emergiram em outros momentos e contextos históricos.

Essas memórias discursivas outras são o que Anzaldúa (2015) nomeia de auto-história: história de história, a história do sujeito e a história da cultura; auto para o eu-enunciador.

Torres (2005) explica que

*A auto-história* de Anzaldúa já se tornou um texto canônico, em se tratando de *border studies* norte-americanos; foi, e muito provavelmente continua sendo, o trabalho teórico mais citado nos estudos sobre o ir-e-vir incessante de sujeitos bi-culturais de comunidades hispânicas nos Estados Unidos, aqueles que vivem nas fronteiras, os desterritorializados (TORRES, 2005, p. 724).

No prefácio à obra *Borderlands* em sua primeira publicação em 1987, Anzaldúa motiva outras autoras, outros autores convidando-as a aplicar sua teoria a partir do local enunciativo, Local Geoistórico (NOLASCO, 2012), pois fronteiras visíveis e invisíveis são estabelecidas de maneira global.

Na *auto-história* de Anzaldúa, escrit(ur)a de si, há o desejo enraizado de mudança como uma missão a ser cumprida. A *auto-história* emerge pela amplitude do alcance das várias estórias contadas pelas mulheres Chicanas/indígenas que vivem ou viveram os mesmos conflitos de Anzaldúa. A *auto-história* tem como desejo ouvir os gritos que estão e são silenciados. (ANZALDÚA, 2012).

A partir da literatura-teoria Chicana/indígena, Anzaldúa vê a escrit(ur)a *auto-história* como um termo que ela mesma usa para descrever o gênero de escrever a história de alguém que é

pessoal e coletiva, usando elementos fictícios, algo parecido com o *memoir* e a autobiografia ficcionalizadas. (KEATING, 2005).

Essa maneira de escrit(ur)a marca a obra de *Borderlands* (2012) como um discurso biográfico em que leva em consideração a sua biografia e a biografia de seu povo, criando um espaço cultural e político onde as Chicanas/indígenas pudessem ter o seu lugar e representação ao invés de separar realidades.

Lea Colchado (2020), texana e Chicana, interpreta a *autohistoria* como um processo de criar espaços para as narrativas traumáticas das Chicanas. Por meio de características distintas, como o pensamento mágico, a *autohistoria* trabalha com sombras, mitos, teorização e ativismo espiritual. Este gênero se diferencia de outros modelos autobiográficos de investigação.

Por meio de características diferenciadas tão simples como a nomenclatura do gênero em uma língua(gem) que não é o inglês padrão, a *autohistoria* permite que as Chicanas/indígenas incorporem fundamentos teóricos bilíngues e biculturais que outros modos autobiográficos de investigação e gênero não podem oferecer para a narrativa traumática da Chicana/indígena.

Defendo com Colchado (2020) e Anzaldúa (2012) que a *autohistoria* é um meio que as mulheres podem navegar em seus próprios traumas. De acordo com Colchado (2020), Anzaldúa não deixou uma metodologia pronta da *autohistoria*, pois acreditava que as *autohistorias* sempre estavam num processo de criação e mudança, mudavam e cresciam constantemente a partir de novos saberes.

Keating (2005) organiza algumas características que compõem a *autohistoria*, quais sejam, estar relacionado ao pessoal e coletivo, auto-reflexivo, cultural, político, bem como a incorporação de saberes locais e o deslocamento de dualidades na narrativa. A *autohistoria* enfoca e, às vezes, ficcionaliza a história de vida, incluindo dimensões teóricas também.

A partir dessa perspectiva *autohistoria*, sobretudo na obra *Borderlands* (2012), vejo um (des) laço que a autora gera com a história de sua vida. O ficcional sobrepõe a vivência, entrelaçando com ele em que a vivência passa ser ficção. A escrit(ur)a de si elaborada por Foucault (2014), corresponde não só ao registro do eu mas constitui o próprio sujeito, performando a noção de sujeito.

No entanto, o autoconhecimento não é o da história, pois a história nos cerca e delimita, ela não diz o que somos mas aquilo que estamos a caminho de diferir. A história não estabelece nossa identidade mas dissipa em proveito do outro que somos. Essa representação e identificação que alcançam outros lugares enunciativos é denominado por Anzaldúa como *autohistoria*.

Anzaldúa (2012) relata suas próprias histórias e expõe diante de quem ousa ler sua vida dissecada por cortes que se multiplicam, transbordam e se cruzam, e que remetem a situações que são momentos dolorosos, mas com os quais o leitor pode se identificar e até sentir cúmplice. Suas histórias às vezes são simples e se concentram em elementos da vida cotidiana, outras vezes oferecem propostas teóricas e epistemológicas complexas que desafiam os imaginários normativos e coloniais.

Nolasco (2004) citando Barthes, afirma que o romancista inscreve-se na ficção como um personagem desenhado na própria escrit(ur)a, construindo uma “fábula concorrente com a obra”. (NOLASCO, 2004, p. 22). É uma mestiçagem em que o fazer da vida, uma fábula é mais do que ler a vida de Anzaldúa (2012) como um texto, sua bio-grafia, vida e escrit(ur)a, é perceber o valor em si da vida e obra e lê-las ao mesmo tempo.

A escrit(ur)a de si, sob a pluma da *autohistoria*, tem esse poder de reflexão e mudança que nos atravessa, ora para quem está escrevendo ao se inscrever na letra, ora para quem está lendo ao ser interpelado pelos efeitos de sentido que emergem na/da escrit(ur)a. É um espaço de descobertas de autodescobrimento e autorreflexão sobre a vida e experiências, uma vez que essas ações podem transformar o sujeito num melhor observador.

Para Anzaldúa *autohistoria* é um conceito que as Chicanas e mulheres de cor carregam ao usar a palavra *nos/otras*. Uma vez que a palavra *nosotros* mesmo sendo homem ou mulher era sempre usada. A língua(gem) é um discurso masculino. A *autohistoria* emerge desse local em que havia impedimentos de conectar-se consigo mesmas, incapaz de comunicar com as realidades e valores verdadeiros para elas. A escri(ur)a *autohistoria* é uma maneira de identificação com sujeitos distintos (ANZALDÚA, 2012).

A escrit(ur)a de si na obra de *Borderlands* (2012) consegue transpor o limite do que

somos no espaço dos entre-lugares, ou seja, do lugar intersubjetivo da troca da *autohistoria* e da sua comunidade. Desse modo, a literatura *autohistoria* pode ser entendida no sentido de um trabalho contínuo, como uma escrit(ur)a de incompletudes, como um desejo permanente de desprendimento de si e re(des)construção sem descanso.

O conceito está relacionado ao auto, ao eu, escrit(ur)a ou escrit(ur)a de si como nas histórias coletivas, pessoais, culturais e raciais. A *autohistoria* é uma maneira de vivenciar a autoestima. Em sua infância, Anzaldúa (2012) sempre ouvia que sua língua(gem) era errada. Por meio de vários ataques, a sua língua(gem) nativa foi desmerecida, desvalorizando-a como sujeito indígena. Nas palavras da escritora,

Eu não vou mais deixar me fazerem sentir envergonhada da minha existência. Eu terei minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu terei minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poetisa. Eu superarei a tradição do silêncio<sup>3</sup>. (ANZALDÚA, 2012, p. 81). (Tradução minha).

Norma Alarcón (1990) aponta que os eixos centrais que marcam o surgimento da escrit(ur)a Chicana se caracteriza por uma forte insistência na implantação de exercícios vinculados à autodeterminação, a partir dos quais processos da auto invenção emergem nos interstícios de várias culturas. Os entrelaçamentos culturais, simbólicos e subjetivos expostos pela escrit(ur)a Chicana configuram um conjunto de eixos imaginários a partir dos quais é possível articular tais processos de identificação que sustentam os contornos dicotômicos sobre os quais se fundam os limites entre o Anglo e o Mexicano, desmantelando as bases racializadas e coloniais que eles apoiam os imaginários que compõem as hierarquias sociais na/da fronteira.

Assim, depara-se com um conjunto de práticas discursivas que, por meio de resgate e articulação de diferentes discursos e histórias, disputam os lugares de onde é possível essa voz hegemônica emergir para circular e criar formas de nomear, desafiando o sujeito da fronteira a partir dos silêncios impostos pela literatura hegemônica.

O apelo de Gloria Anzaldúa ao desenvolver a noção de *autohistoria* é de argumentar que as mulheres Chicanas/indígenas têm voz. É importante que elas saibam da importância de saber se expressarem, permitindo-lhes ser invadidas por um desejo de transformações por meio da escrit(ur)a. Que tenham coragem de relatar suas experiências de trauma, opressão e resistência em suas vidas do dia a dia. Essa maneira de se expressar ou mesmo a escrit(ur)a de si, permite interrogar os sentimentos como uma produção de si que podem ser em vários momentos (re) pensadas. A *autohistoria* permite o sujeito não só demonstrar o seu saber mas também colocar o conhecimento em prática.

## **A *autohistoria* como teorização**

Com o intuito de demonstrar esse processo da escrit(ur)a *autohistoria*, trago um excerto de Anzaldúa em sua obra *Borderlandas* (2012) para mostrar sua reflexão a partir de seu lócus cultural e linguístico, resistindo a crítica colonial que insiste imprimir nos corpos fronteiriços seus modos de subjetivação. Anzaldúa (2012) delinea as trajetórias dos mexicanos, sujeitos infames em suas vidas, marcados pela má fama através de categorias de anormalidade, bem como pelo esquecimento de suas biografias pela história. Ela enuncia:

Sem face, sem nome, invisível, insultados de “*Hey cucaracho*” (barata). Tremendo de medo, contudo cheio de coragem, uma coragem que nasce do desespero. Descalço e inculto, mexicanos com mãos parecidas com a sola das botas juntos a noite perto do rio onde dois mundos emergem construindo

3 I will no longer be made to feel ashamed of existing. I will have my voice: Indian, Spanish, white. I will have my serpent's tongue – my woman's voice, my sexual voice, my poet's voice. I will overcome the tradition of silence.

o que Reagan chama de linha de frente, uma zona de guerra<sup>4</sup>. (ANZALDÚA, 2012, p. 33) (Tradução minha).

O povo Chicano/indígena tem uma tradição de migração, uma tradição de caminhadas longas. Atualmente, o povo Chicano/indígena testemunha *la migración de los pueblos mexicanos*, retornando da odisseia para *Aztlán*, o local histórico e mitológico. Dessa vez, o caminho é do sul para o norte. Esse retorno para a terra prometida começou com os indígenas do interior do México e dos *mestizos* que vieram com os conquistadores/colonizadores em 1500. A convergência criou um choque cultural, uma fronteira cultural, um país fechado. (ANZALDÚA, 2012).

A migração continuou pelos próximos três séculos com os *braceros*, os camponeses, que ajudaram a construir os trilhos de trem e colher frutas e verduras. Hoje milhares de mexicanos estão atravessando a fronteira entre o México e EUA de forma legal e ilegal. Dez milhões de pessoas sem documentos têm retornado para o sul, como México, Guatemala, Brasil, Bolívia, entre outros países da América-latina. (ANZALDÚA, 2012).

O discurso sempre está atrelado às condições históricas de produção, à memória discursiva atravessada por outras vozes e à subjetividade, provocando efeitos de sentidos que irrompem pelo fio discursivo (ALMEIDA, 2019; GUERRA, 2017). Portanto, a mulher Chicana/indígena desvela um cenário de perseguição, onde obstáculos são colocados prontos para pegar as presas. Os EUA são a isca. O país é abençoado por Deus. Abaixo de si estão aqueles que querem ser abençoados também, mas não são bem-vindos. Ora, a fronteira do México é feita só de sem face, sem nome, invisível, descalço e inculto, mexicanos.

Analiso as ocorrências de adjetivos no enunciado, os quais caracterizam um saber imaginário do sujeito Chicano/indígena. Emerge uma prática de exclusão, em que resvala as marcas da margem, da fronteira, construídas na memória discursiva excludente, essas imagens que o outro tem do sujeito da fronteira que são consideradas como verdades universais.

O uso de adjetivos, como invisível, insultado, *cucaracho*, descalço e inculto, tem como objetivo tratar das condições nas quais a vida humana torna-se possível e das condições nas quais a vida humana dificulta-se, chegando a ser impossível. Há um imaginário idílico de igualdade na sociedade no que se refere à possibilidade de vida, no entanto, entre o povo Chicano a distinção se refere à superioridade e inferioridade, à desigualdade na vida (MORENO, 2005).

A segregação é articulada pela ilusão da simetria. A simetria mostra como o sujeito é diferente em sua diferença, como qualquer diferença que se significa na sociedade e na história não é simétrica. Nessa lógica, o sujeito não pode significar no lugar do outro, e por meio de sua diferença, sem simetria, que faz valer a sua posição-sujeito, social e politicamente constituída, isto é, é através da dissimetria que a mulher Chicana/indígena resiste.

Com um pouco de ironia, para não dizer muito, e revolta, Anzaldúa (2012) relata que os policiais norte-americanos que patrulham a fronteira entre o México e os EUA escondiam atrás do McDonalds no Texas ou qualquer outra franquía na cidade da fronteira. Eles armam armadilhas nas margens do rio, especificamente debaixo da ponte. Caçadores vestidos de uniformes verdes procuram pelos refugiados econômicos usando um sensor eletrônico que pode vê-los durante a noite.

Encurralados pelas lanternas, em pânico enquanto suas mãos estão sobre suas cabeças, *los mojados*, imigrantes ilegais molhados pela travessia do rio, são algemados, presos nos jipes e devolvidos para o lado de cá da fronteira. São eles os invisíveis, insultados, *cucarachos*, descalços e incultos, jogados além das cercas feitas de arame farpado, tremendo de medo, a noite perto do rio onde dois mundos emergem. (ANZALDÚA, 2012).

No enunciado da mulher Chicana/indígena, observa-se a construção do efeito de sentido da ironia. O sujeito traz para o seu enunciado o antigo presidente Ronald Reagan que presidiu os EUA de 1981 a 1989. Por meio da materialidade linguística, noto alguns aspectos que me direcionam a questionar quais efeitos de sentido poderiam emergir no enunciado, dado que o sujeito propõe assumir algo de uma forma que desvela não uma, mas uma série de interpretações subversivas.

<sup>4</sup> Faceless, nameless, invisible, taunted with "Hey cucaracho" (cockroach). Trembling with fear, yet filled with courage, a courage born of desperation. Barefoot and uneducated, Mexicans with hands like boot soles gather at night by the river where two worlds merge creating what Reagan calls a frontline, a war zone.

Esse processo de enunciação do discurso crítico e denunciativo promove a subversão daquilo que foi dito pelo ex-presidente Reagan, qual seja, a fronteira como linha de frente de conflitos que acontecem por interesses políticos e econômicos. O sujeito liga-se interdiscursivamente a uma memória discursiva bélica, engendrada por representações de ordem, conquista, vingança e guerra.

É no olhar do outro quando desafiado que a mulher Chicana/índigena flagra gestos de identificação e estranhamento. A identificação e o estranhamento ocorrem pela ilusão que o sujeito tem de ser dono de si, de suas vontades e escolhas. Quando o outro diz: você não tem nome ou você não tem face. O desejo por ter um nome e uma face é gerado. O estranhamento é observado pela falta, incompletude. Por sua vez, a identificação é pelo diferente: ele tem face e eu não tenho.

A crítica da Chicana/índigena é pensada de fora, do entre-lugar que é construído entre o México e os EUA. Essa visada, sob a escrit(ur)a *autohistoria*, propõe uma desconstrução duma leitura dualista, cujos efeitos de sentido orientam o distanciamento do que é dito pelo centro deve ser acatado sem pestanejar. A voz da mulher Chicana/índigena vale dum movimento rebelde que transcende um novo terreno epistemológico, qual seja, a *autohistoria*.

## As feridas que (ainda) sangram

Neste ensaio propus-me apresentar o sujeito mulher Chicana/índigena e a escrit(ur) a de si que relata sua história e vivência de ser e estar na fronteira na obra *Borderlands* (2012), adentrando num processo de identificações dum sujeito rebelde, relatando os seus traumas. Na fronteira física e imaginária, os conflitos e contradições, provenientes das *verdades* advindas da colonização, levantam questionamentos sobre suas crenças e saberes, em outras palavras, sobre as representações de mundo às quais o povo Chicano/índigena está atrelado.

Esse movimento de rebeldia é provocado pelo desejo da completude, das elucubrações, (in) satisfações, sonhos e delírios que confessam a mutabilidade da identidade, deixando seus rastros espalhados – e *seguidos* por mim analista do discurso pela constitutividade heterogênea do sujeito mulher Chicana/índigena.

Compreendo que essas reflexões abordadas por mim são relevantes, pois na área da linguística há poucos trabalhos que problematizam, descrevam, interpretem, analisem o discurso literário de Gloria Anzaldúa; de suas representações discursivas que giram em torno de identidades silenciadas, da desigualdade social e da exclusão via AD.

Assim, pude trazer nessas páginas o gesto de interpretação que faço da obra *Borderlands* (2012). Saliento o leitor que os efeitos de sentido são paisagens, cabe-nos a observação de fotografar esses movimentos. Nota-se que a mulher Chicana/índigena confronta os discursos da história oficial, os discursos legitimados e (re)produzidos pelo senso comum da população acerca da cultura indígena e Chicana, em que são estereotipadas como *primitivas/atrasadas*. Problematizar, pois, essa temática se faz necessário, visto que a sociedade hodierna discute uma mudança social no que tange às minorias, aos excluídos e, muitas vezes, desconhecemos a história sob o ponto de vista (*a partir de*) dos sujeitos *fronterizos*, como os nossos indígenas, os sem-terra, sem-letra, negros, gays, as lésbicas, as travestis, transexuais, os bissexuais, ribeirinhos, imigrantes, os apenados etc.

## Referências

ALARCÓN, Norma. The Theoretical Subject(s) of this Bridge called my back and Anglo-Anzaldúa. In: ANZALDÚA, Gloria. (ED.). **Making face, making soul = hacienda caras: creative and critical perspective by feminists of color** San Francisco. Aunt Lute, 1990. p. 356-369.

ALMEIDA, Willian Diego. **Mulher indígena e lei Maria da Penha: uma análise discursiva transdisciplinar para apreender a constituição da subjetividade fronteriza**. 2019. 270 f. Tese (doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2019.

ANZALDÚA, Gloria E. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.



ANZALDÚA, Gloria E. **Borderlands/la frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

COLCHADO, Lea. **Making face, making soul, making space for chicanas' traumatic narratives: autohistoria-teoría as method and genre**. Master of Arts (Major in Rhetoric and Composition). Graduate Council of Texas State University. Texas, pp. 90. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe B. Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GUERRA, Vânia M. Lescano. As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia M. L.; S. Freire, Zélia R. Nolasco dos. (Orgs.). **Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul – (Brasil/Paraguai/Bolívia) – biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira**. Campinas: Pontes, 2017. p. 95-122.

KEATING, AnaLouise. **Entre mundos/Among Worlds: new perspectives on Gloria Anzaldúa**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. (Orgs.). **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

MIGNOLO, Walter. Decolonizing Western Epistemology/Building Decolonial Epistemologies. In: ISASI-DÍAZ, Ada María; MENDIETA, Eduardo (Eds.). **Decolonizing Epistemologies: Latina/o Theology and Philosophy**. New York: Fordham University Press, 2012. p. 19-43.

MORENO, Alejandro. Superar a exclusão, conquistar a equidade: reformas, políticas e capacidades no âmbito social. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 187-202.

NOLASCO, Edgar C. **Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector**. São Paulo: Annablume, 2004.

NOLASCO, Edgar C. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: G.C., 2010. p. 23-71.

SANTOS, Boaventura de S. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, 2008. p. 287-324.

TORRES, Sonia. **La conciencia de la mestiza /towards a new consciousness: uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 3, Dec. 2005. p. 720-737.

Recebido em: 10 de fevereiro de 2021.

Aceito em: 21 de março de 2022.